

AS PLANTAS MEDICINAIS E O SAGRADO

**A Etnofarmacobotânica em
uma revisão historiográfica da
medicina popular no Brasil**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Camargo, Maria Thereza Lemos de Arruda

As plantas medicinais e o sagrado: a etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil / Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo. – 1ª ed. – São Paulo: Ícone, 2014.

Bibliografia.

ISBN 978-85-274-1242-1

1. Botânica – Morfologia. 2. Eletrobotânica – Pesquisa. 3. Eletrofarmacologia – Pesquisa. 4. Plantas medicinais. 5. Plantas medicinais – Brasil. I. Título.

13-06804

CDD-581.6340981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil: Plantas medicinais: Botânica. 581.6340981

Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo



AS PLANTAS MEDICINAIS E O SAGRADO

**A Etnofarmacobotânica em
uma revisão historiográfica da
medicina popular no Brasil**

1ª edição

Brasil – 2014

**icone
editora**

© Copyright 2014.
Ícone Editora Ltda.

Fotografias

Coleção Alberto Gurni

Coleção Maria Thereza L. A. Camargo

Arte de capa

Carlos Avelino de Arruda Camargo

Projeto gráfico, adaptação de capa e diagramação

Richard Veiga

Revisão

Marina de Fátima Soares Castanho

Fabiana Mendes Rangel

Maria Inês de França Roland

Juliana Biggi

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem permissão expressa do editor (Lei nº 9.610/98).

Todos os direitos reservados à:

ÍCONE EDITORA LTDA.

Rua Anhanguera, 56 – Barra Funda

CEP 01135-000 – São Paulo – SP

Tels./Fax.: (011) 3392-7771

www.iconeeditora.com.br

iconevendas@iconeeditora.com.br

Prefácio



O conhecimento das plantas é primordial em todas as civilizações. Do metabolismo entre a humanidade e as plantas nascem quase todos os sistemas de sobrevivência, em especial aqueles com predominância de coleta e caça que ainda usam instrumentos como redes e cordas feitas de plantas. Usos alimentares e psicoativos, fornecimento de fibra, combustível, utensílios, remédios, aromas, cores: a vegetação é a cornucópia da natureza.

Conhecer as plantas foi um dos fundamentos das ciências naturais e, muito antes de sua formalização moderna, em todas as técnicas vitais, todas as magias, toda devoção à natureza, elas ocuparam sempre um papel central.

A própria noção do sagrado se encontra, em grande medida, na fitolatria. Por isso, esse tema é um dos grandes debates clássicos na origem da antropologia e da sociologia. As noções de sacrifício, dádiva, tabu, totem, maná, força espiritual encarnaram-se em um conjunto de vegetais e ritos a eles associados.

A presente obra de Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo, *As Plantas Medicinais e o Sagrado. Etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica das plantas e seus papéis na medicina popular no Brasil*, é um imenso esforço de compilação desses saberes botânicos e de seus significados, de seus usos e de suas representações nas mais diversas épocas e regiões. É uma obra de referência, com riqueza de interesses, pois combina uma enorme erudição botânica com um domínio amplo e enciclopédico da bibliografia especializada em História e Antropologia da Medicina e Religião.

Em diversos trabalhos anteriores, Maria Thereza já investigava as relações entre usos de plantas e práticas religiosas, especialmente as afro-brasileiras, como a Umbanda e o Candomblé e, também, a ampla medicina popular dos herboristas e das garrafadas, dos curandeiros, benzedeadas, rezadores, raizeiros, pais e mães de santo, mestres catimbozeiros, juremeiros, pajés urbanos e pajoas.

Maria Thereza é uma das maiores estudiosas da etnofarmacobotânica brasileira. Já publicou diversos livros sobre medicina popular em geral e sobre diversas plantas em particular, como a jurema, a mandioca, o milho, a ipomeia, os anti-helmínticos etc.

Seu campo de estudo aborda a identificação e a descrição botânica. Porém, não se restringe a buscar o papel funcional das plantas nas medicinas tradicionais. Sua análise abrange o reconhecimento do papel mágico-religioso no processo de cura, no qual se daria uma complementaridade entre o sacral e o funcional, de forma a obter mais do que apenas uma *eficácia simbólica*, como escreveu Lévi-Strauss, pois incorpora a materialidade farmacobotânica com a ritualística e a crença.

Embora não adentre os estudos contemporâneos sobre a questão do efeito placebo e seu uso na aferição da eficácia dos fármacos, da indústria farmacêutica, Maria Thereza identifica um papel central na subjetividade do paciente, que só consegue “sentir-se curado”, ao dar sentido ao seu sofrimento por meio da inserção de sua afecção em um sistema simbólico moral. A crença e a expectativa constituem, afinal, o fator mais importante da cura. A fé, na religião ou na ciência, constitui parte considerável do efeito farmacológico.

Na história colonial brasileira, por exemplo, a superioridade da medicina indígena e cabocla era amplamente reconhecida e, de forma geral, o recurso às medicinas não hegemônicas ou oficiais fez e faz parte de uma tradição popular de extrema importância. Este livro esmiúça diversos aspectos desses saberes múltiplos, que vão das designações anatômicas populares e etnopatológicas aos sincretismos da farmácia jesuítica com a sua triaga, panaceia de origem latina acrescida de plantas locais.

Dividido em três partes, o livro mostra inicialmente as tradições mesopotâmicas, egípcias, gregas, latinas, antigas, medievais e renascentistas. Aborda as Américas, desde o mundo pré-colombiano até a atualidade na segunda parte, e o relevo particular ao estudo do Brasil, na terceira.

A obra enfoca a conexão entre o uso de psicoativos e as dimensões da cura e do sagrado. O transe, obtido de muitas maneiras, desde o “transe cinético” da dança até as incorporações mediúnicas, é um recurso central, análogo em certa medida aos estados hipnóticos, e serve de veículo xamânico, tanto do agente da cura como do seu objeto, o paciente. O xamã entra em transe para diagnosticar de maneira holística abrangente a origem da etiologia do mal-estar, e o paciente entra em transe em processos de cura catártica. O uso do som para curar também é analisado, desde as fórmulas de encantamentos até as litânicas e as preces.

O simbolismo vegetal, com as árvores como um eixo axial vertical, que têm as copas no céu, o tronco na terra e as raízes no submundo, investiu todos os produtos das plantas, especialmente os ingeríveis, como alimentos ou psicoativos com significados profundos.

As interpretações e análises dos fenômenos do sincretismo, da transculturação ou das fusões culturais sempre estiveram no pano de fundo do debate sobre as contribuições dos saberes tradicionais, indígenas ou mestiços à arte de curar, desde os primeiros naturalistas como Guilherme Piso, no Nordeste ocupado pelos holandeses no século XVII, aos viajantes estrangeiros e cronistas do século XIX, como Carl von Martius. O primeiro valorizava o conhecimento dos indígenas, desprezado pelo último.

Com um índice remissivo que permite a consulta sobre cada planta, este livro amplia os estudos do catimbó, da umbanda e do candomblé, para uma análise comparativa ampla das plantas usadas em cada uma dessas tradições, verificando suas origens americanas, europeias, africanas ou

asiáticas. Além disso, a obra relata as plantas da tradição europeia clássica, medieval e renascentista, explicando a teoria da medicina humoral que prevaleceu na tradição hipocrático-galênica.

Temos, certamente, uma obra de referência para os estudiosos da História da Medicina, da Botânica e da Farmácia e de seus significados mais abrangentes na História da Cultura. O campo da Etnofarmacobotânica fica enriquecido com uma obra vasta e rica em informações e análises teóricas sobre o campo das tradições de cura populares, especialmente as fitoterapêuticas, enfocadas desde um olhar antropológico e etnográfico apoiado nos recursos de uma grande erudição botânica prática.

Prof. Dr. Henrique Carneiro

Professor de História Moderna da Universidade de São Paulo (USP)

Apresentação



Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo é etnofarmacobotânica – palavra que ainda não consta dos dicionários porque é uma ciência nova, de fronteira, apesar de concernir o estudo de práticas populares tradicionais extremamente antigas. Dito de outra maneira, então: esta estudiosa da medicina popular tem se interessado particularmente pelos usos das plantas rituais afro-brasileiras e sua eficácia terapêutica mágico-religiosa na medicina popular, tal como ela aborda especialmente na terceira parte deste livro².

Sendo um campo de estudo novo, Maria Thereza cumpre, neste livro, todo o trajeto, pleno de erudição, para nos explicar não apenas como se forma essa área de conhecimento, mas também como finca suas raízes nas práticas sociais. Por isso, ela volta à época antiga, aos primórdios das práticas terapêuticas mágico-religiosas no ocidente e, a partir delas, à organização dos saberes derivados. Retraçando a maneira como aquelas práticas empíricas foram aos poucos sendo sistematizadas, busca desembaraçar os fios pelos quais elas foram transmitidas por diversas culturas e lugares ao longo do tempo, atingindo e influenciando não apenas as práticas populares, as quais se comunicavam por via oral, mas, também, os práticos especializados que, detentores de um saber letrado, constituíram grupos com funções hierarquicamente definidas em diferentes sociedades. O livro refaz todo esse percurso, narrando os processos de experimentação, acumulação e circulação de saberes, até tocar no limite atual da apropriação desse campo de conhecimento, ainda não reconhecido pela academia.

As histórias contadas neste livro e as informações detalhadas sobre as plantas que Maria Thereza expõe organizadamente, conforme as narra, são o resultado de um saber prático acumulado também pela própria autora, ao abrir-nos um campo de conhecimento prático³ teoricamente

2. Ver também seus livros: *Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros I*. São Paulo: Almed; 1988 e *Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros II*. São Paulo: Ícone; 1998.

3. O termo “prático” parece derivar do piloto, ou piloteiro, que conhecia minuciosamente os acidentes hidrográficos de determinadas rotas e que, com esse conhecimento adquirido pela prática ou experiência, era capaz de conduzir uma embarcação através dessas áreas. Ou seja, alguém com uma experiência empírica acumulada sobre determinado campo do conhecimento.

organizado, compartilhando não apenas a sua erudição universitária, mas também, e talvez sobretudo, a sua experiência de pesquisadora que coletou informações junto aos práticos, em suas andanças pelos sertões⁴. Como ela mesma conta: “desde a década de 1970, venho desenvolvendo pesquisa bibliográfica e de campo pelo país afora, com raizeiros, curandeiros, benzedeadas, rezadores, pais e mães de santo, mestres catimbozeiros, juremeiros, pajés urbanos e pajoas, entre outros, assim como em favelas, onde se concentram indivíduos procedentes de diferentes localidades do país”.

O livro expõe as raízes da fitoterapia, mostrando como se deu historicamente a relação das práticas curativas com as plantas medicinais, especialmente as psicoativas (papoula, mandrágora, heléboro, cânhamo, meimendo, entre outras), sem separar artificialmente o processo empírico de aquisição do conhecimento prático daquele de sacralização da medicina popular. Na tradição dos pensadores do Brasil, a autora identifica como aportam e se misturam, aqui, as correntes doutrinárias de diferentes origens, com predominância do catolicismo europeu, que recolheu tradições greco-romanas e árabes, das crenças de origem africana e indígenas; para ela, o denominador comum entre todas essas linhagens era o caráter nitidamente mágico-religioso de que eram investidas as manipulações das plantas medicinais.

Hoje, quando os avanços da ciência encontram seu contraponto nas catástrofes ecológicas e na seleção de patogenias cujo controle lhe escapa incessantemente, ao mesmo tempo em que se perdem aceleradamente a diversidade de bancos genéticos, esta estudiosa propõe-nos voltar nossa atenção para os saberes tradicionais. Sem romantismo, sem saudosismo; ao contrário, com vistas às questões atuais de saúde pública. O desafio que ela coloca é o de incorporar a subjetividade dos indivíduos aos parâmetros científicos da farmacologia.

Maria Thereza lecionou disciplinas relacionadas ao estudo das plantas medicinais e tóxicas, durante muitos anos, no Departamento de Botânica do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. Entretanto, sua abordagem jamais se enquadrou nos campos e divisões tradicionais dos saberes, de modo que atuou também no Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas⁵, na mesma universidade, e, ainda, no Centro de Estudos Etnofarmacológicos da Unifesp. Ela se interessa principalmente pela eficácia das terapêuticas mágico-religiosas na medicina popular, nem sempre comprovada pelos métodos científicos, mas eventualmente verificada como resultado da fé, da vontade ou do efeito placebo – em suma, da subjetividade dos indivíduos, conforme aponta Henrique Carneiro, no seu Prefácio. A maneira como as populações lidaram historicamente com essa relação entre a cura e o universo mágico-religioso passou sempre pela prática, pela materialidade – por meio das plantas, em particular, matéria primordial dos fazeres humanos. Os investimentos simbólicos e anímicos projetados sobre

4. Não é à toa que Maria Thereza ganhou o 1º Prêmio no “Concurso Mário de Andrade” de monografias, conferido pela Prefeitura do Município de São Paulo, em 1972, pela pesquisa que realizou em favelas de São Paulo, e o 1º Prêmio no “Concurso Nacional Câmara Cascudo”, conferido pelo Centro de Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1989, pelo estudo sobre *Plantas do catimbó em Meleagro de Luís da Câmara Cascudo*.

5. No Departamento de Ciências Sociais, junto ao Centro de Estudos da Religião “Duglas Teixeira Monteiro”, organizou um herbário etnobotânico, cujo *Banco de Dados* foi publicado pela FAPESP em 1999.

as plantas e a maneira como foram manipuladas sempre constituíram, no entanto, o elo fraco do conhecimento farmacobotânico e da sua transmissão. É esse elo que a autora tenta valorizar, tanto do ponto de vista histórico e etnológico como do ponto de vista funcional. Pois espiritualidade e religiosidade têm nas práticas sociais os seus fundamentos, isto é, as autoridades religiosas não são mais do que homens e mulheres; no caso, aqueles que manipularam e manipulam as plantas, construindo seus saberes e sua autoridade a partir dessas práticas e dos seus efeitos.

Conheci Maria Thereza quando ainda criança e estreitei amizade com ela quando fui seu aluno, no curso de Biologia da USP: a partir desse momento, o afeto foi acrescido com a admiração pela professora e com o respeito pela pesquisadora e grande conhecedora da medicina popular e outras ciências populares. Como historiador, continuo admirado com a sua capacidade de coletar informações brutas, de organizá-las, mas também com sua preocupação generosa em divulgá-las e, sobretudo, com sua habilidade de integrá-las a disciplinas tão distantes na academia. *As plantas medicinais e o sagrado* é uma contribuição fundamental para o conhecimento dos processos históricos extremamente complexos que conduziram à incorporação de plantas das mais variadas origens em uma medicina popular, no Brasil; mas importa perceber também, além do texto, as qualidades pessoais de sua autora, que tornam possível constituir um novo campo de conhecimento interdisciplinar, mais próximo da realidade dos homens.

Prof. Dr. Carlos Zeron

Professor de História da Universidade de São Paulo (USP)

Sumário



INTRODUÇÃO, 23

PARTE 1

**CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E SOCIOCULTURAL DAS PLANTAS
MEDICINAIS NAS PRÁTICAS MÉDICAS NO MUNDO ANTIGO E SUA
INFLUÊNCIA NA MEDICINA EM PORTUGAL, DO SÉCULO XVI, 37**

- 1.1. Fontes textuais do mundo antigo, 39
- 1.2. Plantas medicinais na Mesopotâmia, 39
- 1.3. As plantas medicinais no Egito antigo, 43
- 1.4. Plantas na medicina nos períodos históricos gregos, 47
 - 1.4.1. Período Creto-micênico, 48
 - 1.4.2. Período Homérico, 48
 - 1.4.3. Período arcaico, 52
 - 1.4.3.1. Hipócrates, 53
 - 1.4.3.2. Das epidemias, 56
- 1.5. As plantas na medicina do período greco-romano, 57
 - 1.5.1. As plantas em Pedanius Dioscórides (40-90), 60
 - 1.5.2. Galeno, 62
- 1.6. Idade Média, 64
 - 1.6.1. Período medieval de influência bizantina e árabe, 65
- 1.7. Plantas medicinais na Idade Média Europeia, 67

- 1.8. **Demonologia e as doenças, 69**
 - 1.8.1. A mulher e o diabolismo, 70
 - 1.8.2. Ungentos e o voo das bruxas, 72
 - 1.8.3. As plantas do bem e do mal, 75
- 1.9. **Renascença, 77**
 - 1.9.1. As plantas e os grandes vultos desse período histórico, 77
 - 1.9.2. Outras plantas do Oriente no Ocidente, 77
 - 1.9.3. Bruxaria na Renascença, 85
 - 1.9.3.1. Negros feiticeiros, 86
 - 1.9.4. Teoria das assinaturas, 87
- 1.10. **Trânsito das plantas medicinais entre Oriente e Ocidente e vice-versa, 87**
 - 1.10.1. Fenícios, judeus e árabes, 91
 - 1.10.2. Judeus, 92
 - 1.10.3. Árabes, 94
- 1.11. **As plantas aromáticas, 95**
 - 1.11.1. Pimentas, 96
- 1.12. **Jardins botânicos de Portugal, 99**
- 1.13. **O novo caminho para as Índias, 101**
 - 1.13.1. O caminho para as Índias, 101

PARTE 2

AS PLANTAS MEDICINAIS E OS PRIMEIROS HABITANTES DAS AMÉRICAS, 105

- 2.1. **Milho: origem e seu papel na medicina popular, 109**
 - 2.1.1. Propriedades medicinais do milho, 111
 - 2.1.1.1. Princípios ativos, 112
 - 2.1.1.2. Atividades biológicas, 112
 - 2.1.1.3. Indicações terapêuticas, 113
 - 2.1.1.4. Usos da medicina popular no Brasil, 113
- 2.2. **Brasil em seu alvorecer, 114**
- 2.3. **As plantas medicinais nativas, 116**
 - 2.3.1. O naturalista Anchieta, 116

- 2.4. **Política portuguesa e a introdução de plantas exóticas, 120**
- 2.5. **As plantas medicinais e os contatos interétnicos, 125**
 - 2.5.1. Matriz indígena, 129
 - 2.5.2. As plantas medicinais nativas balsâmicas, 134
 - 2.5.3. Plantas psicoativas, 135
 - 2.5.3.1. Tabaco, 140
- 2.6. **Sistemas de crença de influência indígena, 141**
 - 2.6.1. Pajelança, 141
 - 2.6.2. Catimbó, 144
- 2.7. **Bebidas rituais em contextos religiosos de influência indígena, 146**
 - 2.7.1. Vinho da Jurema, 148
 - 2.7.1.1. Dandá – aditivo do vinho da Jurema, 151
 - 2.7.2. *Ayahuasca* ou Santo Daime, 153
 - 2.7.3. Bebidas fermentadas de teor alcoólico, 158
 - 2.7.3.1. Cauim de mandioca e de milho, 160
 - 2.7.3.2. Cauim dos Guarani e dos Araweté, 162
- 2.8. **Matriz portuguesa, 163**
 - 2.8.1. Influência portuguesa na religiosidade da medicina popular, 166
 - 2.8.2. Influência jesuítica, 167
 - 2.8.2.1. Devoção à Nossa Senhora, 169
 - 2.8.2.2. Devoção aos santos e as curas milagrosas, 170
 - 2.8.2.3. Ex-votos, 175
 - 2.8.3. A farmácia jesuítica, 175
 - 2.8.3.1. Das teriagas às garrafadas, 178
 - 2.8.4. Denominação de doenças e partes do corpo humano na linguagem médica popular, 179
- 2.9. **Matriz africana, 181**
 - 2.9.1. Negros banto, 183
 - 2.9.2. Plantas que os bantos conheciam na África, 185
- 2.10. **Negros sudaneses, 189**
 - 2.10.1. Plantas conhecidas dos sudaneses na África, 190
 - 2.10.2. Novas plantas aprendidas com indígenas, 192
 - 2.10.3. Negros e índios em quilombos, 193
- 2.11. **Sucedâneos das plantas africanas conhecidos de bantos e sudaneses, 196**

- 2.12. Plantas medicinais e as religiões afro-brasileiras, 198
 - 2.12.1. Candomblé, 200
 - 2.12.2. Umbanda, 200
 - 2.12.2.1. Doença e terapia na Umbanda, 203
 - 2.12.3. A Jurema no universo sacralizado da prática médica umbandista, 203
- 2.13. As plantas nativas e a participação de viajantes e naturalistas para o seu conhecimento, 205
 - 2.13.1. Naturalistas estrangeiros, 207
 - 2.13.1.1. Plantas medicinais em Saint-Hilaire, 208

PARTE 3

AS PLANTAS, O SAGRADO, A MEDICINA POPULAR NO BRASIL, 211

- 3.1. Etnofarmacobotânica e medicina popular, 213
 - 3.1.1. As plantas e o sagrado, 213
 - 3.1.1.1. Mulungu, 219
- 3.2. Religiosidade na medicina popular, 220
 - 3.2.1. A complementaridade dos papéis sacral e funcional do conjunto ritualístico de cura, 225
 - 3.2.1.1. A pesquisa sobre o papel funcional das plantas psicoativas no conjunto ritual de cura, 226
 - 3.2.1.2. O transe de possessão em seu papel funcional, 228
 - 3.2.1.3. Resultados da pesquisa, 230
- 3.3. Princípios básicos que regem a medicina popular no Brasil, 231
- 3.4. Considerações sobre a medicina popular perante a medicina hegemônica, 233

BIBLIOGRAFIA, 237

ÍNDICE REMISSIVO, 255

ANEXO – FOTOGRAFIAS, 265

Índice Remissivo



A

- Abacate: 84
Abóbora: 120, 187, 206
Abrus precatorius: 191
Açafrão: 40, 82
Acelga: 121
Acônito: 46, 71, 73
Aconitum napellus: 46, 66, 71, 73
Acorus calamus: 43, 96
Adansonia digitata: 187
Afrodisíacos: 46, 48, 58, 82, 83
Fromomum melegueta: 98, 99, 103, 192
Ageratum conyzoides: 120
Agno-castus: 84
Agrião: 83, 120
Aipo: 53
Ajucá: 128
Alecrim: 64, 122, 176, 187
Alface: 120
Alfavaca: 120
Alfazema: 81
Alho: 83, 120, 176, 187
Allium cepa: 43, 53, 55, 176, 187
Allium sativum L. Liliaceae: 120
Aloe vera: 66
Aloysia virgata: 44, 197
Alucinógenos: 24, 25, 27, 74, 78, 90, 108, 137, 154, 155, 156, 238, 241, 242, 245, 246, 248, 249
Amanita muscaria: 90
Amansa senhor: 31, 241
Anacardium occidentale: 121, 187
Anadenanthera peregrina: 120, 139, 143, 193
Anafrodisíacas: 45, 60, 82, 83, 84
Ananas comosus: 121, 186
Anchietá: 26, 34, 36, 44, 113, 115, 116, 117, 130, 133, 147, 160, 161, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 180, 197, 205, 209, 238, 252, 254
Anchietae salutare: 209
Anemopaegma mirandum: 119, 193
Anethum graveolens: 53
Angélica: 43, 44
Angelica archangelica: 43, 44
Angola: 127
Anis: 43, 44, 54, 83
Antigo Testamento: 90
Aquilaria agallocha: 44, 54, 197
Árabes: 91
Araçazeiro: 121, 187
Araucárias: 117

Areca catechu: 24
Aristolochia cymbifera: 120
Arruda: 64, 122, 179, 240
Artemísia: 43, 44, 47, 86, 176
Artemisia absinthium: 64, 122
Artemisia spp Asteraceae: 47
Artemisia vulgaris: 43, 44
Artocarpus intergrifolia: 191
Asclepiádes: 33, 49, 58

Ascochyta cypericola: 153
Asparagus officinalis: 83
Aspargo: 83
Assa-fétida: 40
Atropa belladonna: 44, 46, 71, 72, 135
Avicena: 81
Ayahuasca: 139, 153, 244, 252
Azinheira: 89

B

Babaçu: 196
Babilônia: 51, 79
Babosa: 66
Bananeira: 185, 187
Bandeirante: 131
Banisteriopsis caapi: 139, 153, 154, 155
Barbatimão: 119, 193
Batata-de-purga: 119, 193
Batata-doce: 121, 187
Bauhinia forficata: 120
Beato José Lourenço: 172, 253
Bebidas fermentadas: 113, 138, 139, 152, 158, 161, 162
Bebidas rituais: 146
Beladona: 44, 46
Beldro: 120

Beldroega: 187, 191, 218
Benjoim: 43, 96
Berinjela: 120
Bexiga: 127
Bicuiba: 117
Bidens pilosa: 176
Bixa orellana: 133, 187, 191
Boerhavia hirsuta: 120, 193
Boerhavia hirsuta Willd.: 118
Bosta: 123
Brugmancia suaveolens: 120, 136, 139, 155
Brunfelsia spp: 153, 155, 207
Brunfelsia uniflora: 119, 139, 193
Bruxaria: 85
Buddleja brasiliensis: 119

C

Cabelo-de-milho: 114
Caboclos: 128
Cabreúva: 44
Cabureíba: 118
Cacau: 119, 122
Cajanus cajan: 188, 191
Cajazeira: 191

Caju: 121, 187
Cálamo: 43, 96
Calção-de-velha: 119
Calypttranthes aromatica: 117, 210
Cambará: 119
Camomila: 45, 64
Cana-de-açúcar: 187

Canafístula: 122, 187
 Candomblé: 7, 8, 28, 32, 143, 148, 151, 153, 183, 184,
 189, 190, 196, 197, 198, 200, 202, 215, 216, 219,
 225, 226, 227, 238, 239, 241, 252, 253, 254
 Canela: 41, 80, 96, 103, 123
 Cânfora: 67, 94
 Cânhamo: 41
Cannabis sativa: 41, 43, 78, 83, 91, 191, 192
 Capeba: 119
 Capim-limão: 64, 176, 217
Capsicum frutescens: 98, 121, 188
 Cardamomo: 54, 82
Carica papaya: 119, 121, 188, 191, 193
 Carimã: 193
 Caroba: 119
Casearia sylvestris: 119
Cassia obovata: 67
Cassia occidentalis: 119, 191, 193
 Castanha: 81
 Catimbó: 128
 Catimpuera: 113
 Catolicismo: 28, 33, 36, 69, 93, 127, 145, 166,
 169, 171, 173, 174, 184, 197, 201, 243
 Catuaba: 119, 193
 Cauim: 160, 162
 Cebola: 43, 53, 176, 187
 Cebolinha: 120
 Cedro-do-líbano: 43, 96
 Cenoura: 83, 187
Cephaelis ipecacuanha: 119, 193
 Cevada: 54, 187
 Chacrona: 139
Chenopodium ambrosioides: 120, 191, 193
 Chicória: 120
Cicer arietinum: 89
 Cidreira: 188
Cinnamomum cassia: 41, 96, 103, 123
Cinnamomum zeilanicum: 41, 96, 123
 Cipó-suma: 209
 Circe: 48, 51, 77
 Cistite: 114
Citrus medica: 188
 Coentro: 54, 64, 120, 122, 176, 188
 Cola: 217
Cola acuminata: 151, 188, 191
 Colóquios: 97, 123
 Cominho: 45, 54, 102
Commiphora abyssinica: 197
Commiphora myrrha: 41, 42, 43, 54, 65, 67, 96
 Companhia de Jesus: 130
 Congo: 127
 Consciente coletivo: 27
Convolvulaceae: 107
 Copaíba: 118, 119
Copaifera langsdorffii: 118
Coriandrum sativum: 54, 64, 120, 122, 176, 188
Corpus Hippocraticum: 54, 55, 56, 65, 253
Couratari tauari: 120, 193
 Couve: 120, 188
 Cravo: 94, 99, 102, 123, 176
 Cravo-da-índia: 65, 78, 117, 118, 151, 210
 Crista de galo: 135, 218
 Cristão-novo: 163, 165
 Cristianismo: 33, 44, 67, 68, 69, 170
Crocus sativus: 40, 82
 Cubeba: 81
Cucurbita pepo: 120
Cuminum cyminum: 45, 54, 102
Cunurbitaceae: 107
Cymbopogon citratus: 64, 176
Cyperus: 151, 152, 153, 155

D

Dandá: 151, 152, 153, 155, 275
Datura: 46, 72, 76, 80, 119, 136, 192, 204, 254
Datura stramonium: 72, 139
Demônio: 33, 40, 69, 70, 71, 73, 75, 85,
86, 94, 144, 202, 223, 254
Demonologia: 69
Dendê: 191, 196, 248
Dentes: 129

Dioscoreae alata: 185
Dioscórides: 35, 41, 42, 46, 58, 60, 61, 62,
64, 78, 82, 84, 88, 100, 247
Doenças tropicais: 116
Dorme-dorme: 119
Dracaena fragrans: 218
Dracena: 218

E

Eaelis guyneensis: 191
Egito: 32, 35, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 51,
54, 57, 58, 59, 65, 72, 83, 89, 90, 91,
95, 103, 139, 186, 187, 239, 254
Elettaria cardamomum: 54, 82
Endemoniados: 33, 69, 71, 223
Enteógeno: 24
Erisipela: 127
Erva-cidreira: 176
Erva-de-rato: 118
Erva-moura: 50
Erythrina verna: 193
Erythrophleum guineense: 220
Esculápio: 25, 52, 58, 85
Espada-de-ogum: 216

Espada-de-são-jorge: 218
Especiarias: 32, 36, 54, 61, 63, 64, 77, 82, 90,
91, 92, 95, 98, 99, 101, 102, 103, 104,
117, 118, 122, 123, 124, 250, 251
Espinafre: 120
Espinhela caída: 118
Espiritualidade: 29, 198, 199
Estimulantes: 82
Estupor: 118
Etnofarmacobotânica: 11, 36, 213, 241
Eucalípto: 81
Eugenia grandiflora: 164
Eugenia pitanga: 121
Euterpe edulis: 122

F

Farmacologia: 111, 240, 254
Fedegoso: 119, 191, 193
Feijão-guandu: 191
Feitiçaria: 25, 35, 42, 71, 72, 86, 144,
145, 146, 195, 238, 245

Feiticeiros: 251
Fenícios: 91
Ferula assa-foetida: 40
Fezes: 129
Ficus carica: 41, 188

Figueira: 41, 119, 139, 188
Figueira do inferno: 72
Filipódio: 122

Foeniculum vulgare: 120, 122
Fumaria: 81
Funcho: 45, 83, 120, 122

G

Galeno: 53, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 81, 82, 87,
92, 163, 169, 177, 238, 245, 246
Garcinia: 192, 218
Genciana: 81
Gengibre: 82, 95, 99, 102, 103, 123, 176, 188
George Marcgrave: 125
Gervão: 119
Gitirama: 139
Goiaba: 121
Goiabeira: 119, 188, 191, 217

Gordur: 129
Gossypium barbadense: 191
Grão-de-bico: 89, 188
Grécia: 33, 35, 48, 50, 51, 54, 55, 57, 62, 83, 84, 242, 246
Greco-romano: 25, 33, 57, 58, 67, 252
Guaraná: 119, 139
Guassatonga: 119
Guilherme Piso: 125
Guiné: 98, 101, 119, 194, 217, 218, 272

H

Heléboro: 41, 53, 88
Heliotropium: 218
Helleborus spp: 41, 53, 55, 88
Hibiscus esculentus: 188, 191
Hipnotismo: 134

Hipócrates: 28, 33, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 62, 65,
66, 79, 81, 87, 92, 129, 163, 164, 246, 250
Hortelã: 86, 121, 122, 188
Hyoscyamus niger: 41, 46, 80, 88, 135

I

Iboucouhú: 117
Idade Média: 33, 42, 60, 64, 65, 67, 69, 70,
75, 76, 82, 85, 245, 246, 249
Ilíada: 48, 50, 253
Incenso: 43, 54, 96
Inhame: 185, 188

Inquisição: 108
Ioruba: 191, 198, 199, 215, 216
Ipecacuanha: 119, 193
Ipomoea: 107
Ipomoea purpurea: 139, 240

J

Jaborandi: 119
Japocanga: 119
Jaqueira: 191
Jardins botânicos: 100
Jathropha curcas: 120, 136, 193
Jenipapo: 119
Jesuíta: 113
Judeus: 91, 92
Juniperus communis: 45, 46
Jurema: 119, 139, 145, 148, 150, 238, 241, 249
Juremal: 128, 145
Jurubeba: 119, 193

K

Kardecismo: 200, 201, 202

L

Lantana camara: 119
Laranjeira: 188
Limeira: 188
Limoeiro: 188
Linho: 41, 188
Lophophora: 108
Losna: 64, 122, 176
Lótus: 45, 49, 58, 84

M

Maconha: 191
Macumba: 201
Malagueta: 121, 188
Malva: 122
Malva-branca: 218
Malvaceae: 107
Mamão: 119, 121, 193, 206
Mameluco: 131
Mamona: 191
Manacá: 119, 139, 151, 193
Mandioca: 121, 122, 188
Mandrágora: 41, 46, 48, 50, 88
Mandragora officinalis: 46, 50, 51, 65, 72, 82, 135
Mandragora officinarum: 41, 46, 76, 88
Mangifera indica: 191
Manihot esculenta: 119, 121, 122, 160, 162, 187, 188, 197
Manjeriço: 83, 121, 122, 188
Manjerona: 47, 122
Maracujá: 139, 206
Marroio: 47
Martius: 125, 129
Mastruz: 120, 193
Matricaria chamomilla: 45, 64
Mau-olhado: 86, 143, 167, 171, 179, 251
Meimendro: 41, 46, 50, 88
Melancia: 121, 188
Melão-de-são-caetano: 191
Melegueta: 98

Mentha: 81, 121, 122, 188
Mentrasto: 120
Mesopotâmia: 32, 35, 39, 40, 42, 52, 65,
67, 69, 72, 88, 90, 91, 139
Milho: 81, 109, 110, 121, 122, 188, 197
Mimosa hostilis: 119, 139, 140, 145, 146,
148, 149, 150, 151, 193, 204, 241
Mirra: 41, 43, 54, 67, 96, 240
Mirta: 41
Moléstias: 127

Momordica charantia: 191
Mostarda: 121
Mucuna: 120, 193
Mucuna urens: 120, 193
Mulungu: 120, 139, 140, 193
Murta caryophyllada: 210
Musa spp: 161, 185, 187
Myristica fragrans: 64, 78, 82, 95, 99, 102, 123, 152
Myrocarpus fastigiatus: 118
Myrtus communis: 41

N

Nabo: 121
Naturalistas: 8, 33, 34, 36, 59, 100, 116, 119,
125, 168, 169, 205, 207, 208, 239
Nefrite: 114
Negros feiticeiros: 86
Neolítico: 42, 43, 64, 88, 253
Neuroses: 71

Nicotiana tabacum: 75, 109, 122, 137, 139, 140,
146, 155, 183, 187, 188, 191, 193
Nobrega: 115
Noz-de-bétele: 24
Noz-moscada: 64, 82, 95, 102, 123, 176
Noz-vômica: 67
Nyctaginaceae: 118
Nymphaea alba: 45, 46, 49, 58, 84

O

Ocimum canum: 122
Ocotea pechry: 118
Ocotea pretiosa: 117, 120
Ocuúba: 117
Odisseia: 48, 49, 50, 243
Oliveira: 30, 56, 57, 81, 136, 153, 165,
239, 247, 248, 250, 251, 252

Operculina convolvulus: 119, 193
Ópio: 42, 43, 46, 61, 63, 65, 66, 78, 79, 83, 84, 85, 177
Orbignya: 196
Origanum majorana: 83, 122
Ossos: 129

P

- Padre Cícero: 172
Painço: 89
Pajelança: 128
Pajés: 7, 16, 25, 30, 131, 132, 133, 140, 141, 142, 143, 145, 195, 214
Palmito: 122
Papaver somniferum: 41, 46, 50, 53, 55, 60, 65, 66, 78, 83
Papaver Somniferum: 88
Papiro de Ebers: 47
Papo-de-peru: 120
Papoula: 41, 50, 53, 88
Paracelso: 84, 86, 87, 108, 250
Paricá: 120, 139, 193
Passiflora alata: 139, 176, 274
Passiflora edulis: 139, 280
Pata-de-vaca: 120
Pau-da-china: 122
Paullinia cupana: 119, 139
Pega-pinto: 120, 193
Pepino: 121
Persea americana: 84
Petiveria alliaceae: 31, 109, 119
Petroselinum: 121, 122, 188
Petroselinum crispum: 122
Peyiotl: 108
Phoenix dactylifera: 41
Picão: 176
Pilocarpus jaborandi: 119
Pimenta: 54, 82, 96, 99, 123, 191
Pimpinella anisum: 43, 44, 54, 75, 76, 83
Pinhão: 120, 193
Piper cubeba: 98
Piper guineense: 98, 188
Piper nigrum: 54, 82, 87, 96, 97, 99, 103, 123, 190, 191
Pitanga: 121, 206
Pittosporum undulatum: 43, 96
Plantago: 81, 121, 122
Plantas aromáticas: 43, 64, 65, 95, 96, 242
Plantas psicoativas: 135
Poaceae: 107
Poaya: 210
Poaya-da-praia: 210
Poaya-do-campo: 210
Poejo: 81, 121, 122
Polypodiaceae: 107
Pombagira: 202
Portugal: 115
Portulaca oleraceae: 187, 191
Possessão: 33, 66, 69, 71, 145, 189, 199
Psicoses: 71
Psidium guajava: 119, 121
Psychotria viridis: 139, 153
Punica granatum: 188

Q

- Quercus rotundifolia*: 89
Quercus suber: 89
Quiabo: 188, 191
Quilombo: 131
Quina: 209
Quina-da-serra: 209
Quina-do-campo: 209
Quina-do-mato: 209
Quinquina-de-remijo: 209

R

Rabanete: 188
Rábano: 83
Religiosidade: 29, 36, 62, 86, 158, 166, 168, 169, 170, 172, 174, 183, 184, 198, 242
Remédio divino: 222
Renascença: 32, 77, 85
Rheum spp: 67
Ricinus communis: 41, 191
Roma: 34, 35, 57, 58, 59, 62, 68, 79, 116, 133, 209, 238, 246
Romanzeira: 188
Rosmarinus officinalis: 64, 75, 122, 176, 187
Rotas da seda: 91
Ruibarbo: 67, 95
Ruta graveolens: 64, 122

S

Saccharum officinarum: 187
Saint-Hilaire: 125
Saliva: 129, 145, 147, 159, 161
Salix alba: 41
Salsa: 121, 122, 188
Sândalo: 67, 95, 96
Sarampo: 114
Sarna: 127
Sassafrás: 120
Sassafrazinho: 117
Satureja hortensis: 54, 188
Scoparia dulcis: 120, 193
Segurelha : 122
Sene: 67, 80
Setaria: 109
Setaria itálica: 89
Sida rhombifolia: 218
Smilax china: 122
Smilax spp: 119
Solanum paniculatum: 119, 193
Solanum tuberosum: 121, 187
Soma: 90
Spondias mombin: 191
Stachytarpheta australis Moldenke Verbenaceae: 119
Strychnos nux-vomica: 67
Strychnos pseudoquina: 209
Stryphnodendron barbadetiman: 119, 193
Styrax benzoin: 43, 96, 102
Sudaneses: 31, 127, 144, 182, 189, 190, 193, 196, 197, 198, 219
Syzygium anomaticum: 99
Syzygium aromaticum: 65, 94, 102, 123

T

Tabaco: 122, 139, 188, 191
Talmud: 94
Tamarindo: 95, 191
Tambor de Mina: 128
Tanchagem: 121, 122
Tangaraca: 118
Tauari: 120, 142, 193
Teoria das assinaturas: 86, 87
Teriagas: 33, 61, 63, 80, 178, 223
Terpsicoretranceterapia: 254

Theobroma cacao: 119, 122

Thymus vulgaris L: 41

Tília: 81

Tomilho: 54

Transe: 39, 58, 134, 146, 152, 184, 199, 241

Triaga Brasília: 176, 177, 252

Trombeteira: 120, 139

Tuberculose: 128

Tupinambás: 128

U

Umbanda: 7, 8, 25, 28, 90, 142, 148, 183, 189, 198,
199, 200, 201, 202, 203, 215, 216, 219, 226,
227, 229, 239, 240, 242, 249, 250, 253

Ungentos: 72

Unhas: 129

Urina: 129

Urucum: 135, 191

V

Varíola: 127

Vassourinha: 120, 193

Verbasco: 81

Viagens Filosóficas: 34, 36, 205

Vitex agnus-castus: 84

W

Warburgia stuhlmannii: 67, 95

X

Xamás: 23

Xylopia aethiopica: 218

Z

Zea mays: 81, 109, 111, 114, 121, 122,
147, 186, 188, 197, 242, 245

Zimbro: 45

Zingiber officinale: 102, 123, 188